



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

griotrevista@gmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

Carvalho de Sousa, Gláucia
“Lugar incomum”: a disposição gratuita para satisfazer o tirano
Griot: Revista de Filosofia, vol. 8, núm. 2, 2013, pp. 85-92
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v7i1.568>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576664910007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

“LUGAR INCOMUM”: A DISPOSIÇÃO GRATUITA PARA SATISFAZER O TIRANO

Gláucia Carvalho de Sousa¹
Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO:

Este artigo pretende analisar e entender os mecanismos envolvidos na servidão voluntária uma vez que essa disposição dos seres humanos em servir de modo gratuito faz com que não só se afastem do estado de natureza, de sua liberdade, mas também tolerem pacientemente os maus zelos tirânicos sendo assim, a partir de que surge tal voluntarismo servil e por que ele acontece de forma fácil? Serão os costumes que encaminham os homens a servir? Ou ainda, a servidão voluntária é resultado de um acaso, o “mau encontro”? Ao mesmo tempo temos os admiradores do tirano, que visando exercerem a opressão ou ainda, visando tomarem o poder do seu senhor, fomentam no cotidiano humano a servidão gratuita. Iremos apresentar cada um destes momentos para que possamos chegar a um entendimento sobre a servidão voluntária nos baseando na obra de Étienne de La Boétie “*O Discurso da Servidão Voluntária*”.

PALAVRAS-CHAVE: Servidão; Homem; Tirano; Natureza; Liberdade.

“UNUSUAL PLACE” THE FREELY AVAILABLE TO SATISFY THE TYRANT

ABSTRACT:

This article Intends to analyze and understand the mechanisms of voluntary servitude. Besides the ability to serve freely of human being that makes departs them of the nature state; freedom even as tolerate the tyrant's assiduity. Then, appears the question: Why the humanity serves so easily? Perhaps the habits or culture? Or is It of ramdon or called also “misfortune”? We still have the “admirers” of the Tyrant who expand the

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiás – Brasil. E-mail: sousaglaucia@hotmail.com

his oppression as well want take the power for his. So We Will Present all of this moments concerning the Voluntary Servitude based on the work of the Étienne de La Boétie, “The Discourse of the Voluntary Servitude”.

KEYWORDS: Servitude; Man; Tyrant; Nature; Freedom.

No empreendimento de compreender as causas da servidão voluntária, Étienne de La Boétie faz um apanhado cronológico das instalações de poder que ocorreram com o surgimento das primeiras sociedades. Percebendo nesta situação, talvez, o início de várias causas para a sujeição voluntária, atentou-se para esses possíveis aspectos para assim, satisfazer sua busca por respostas. Tais aspectos geradores da servidão voluntária seriam, portanto, a história; as sociedades complexas; o “incidente” ou “mau encontro” no surgimento dessas associações sociais e o costume por obedecer, que nunca fora deixado pelos homens, mas sim, passado por famílias.

Logo, o autor não considera somente um motivo, mas vários para a condição servil e gratuita (ROTHBARD, 1975). Nestas relações de poder, temos o surgimento das castas ou ainda, divisões sociais que em meio às comunidades primitivas, foram se tornando mais complexas e difundindo assim, a desigualdade entre as pessoas, surgindo os que obedecem a um².

“Por hora gostaria apenas de entender como pode ser que tantos homens, [...] suportam às vezes um único tirano [...]” (LA BOÉTIE, 1982, p. 12). É notável a disposição dos homens para a subordinação a um senhor. Mas, ao depararmos com esta completa e eficiente força humana voluntariamente servil capaz de satisfazer por completo a um só, sem infelicidade alguma, é difícil chegarmos a uma compreensão de tal realidade, visto que o opressor não tem mais do que a própria autorização dos povos, cidades, nações para exercer a tirania sobre estes.

Assim sendo, os homens são capazes de findar a opressão, enquanto são eles que a validam e também, são em número, muito maiores que aquele que domina. La Boétie em o *Discurso da servidão Voluntária* nos mostra para além da existência de tal sujeição, ainda o seu perfeito funcionamento sem o uso da força para tanto. O autor nos afirma;

Coisa extraordinária, por certo; e porém tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo [...] encantados e enfeitiçados apenas pelo nome de um, de quem não devem temer o poderio pois ele é só, [...] (LA BOÉTIE, 1982, p. 12).

² Referência ao texto de Lefort (1982) “O nome de um”.

Podemos observar nesta passagem a lamentável vontade dos homens em atender a este tirano, não de modo intimidado, mas sim imersos numa completa convivência instaurada com a tirania. Tão lamentável que o autor chega a afirmar, quem sabe no anseio por um motivo da gratuidade servil, a existência de certo encantamento ou magia, envolvidos nesse contexto, visto como é difícil admitir que um enorme número de pessoas se deixe dominar. Escolhem aceitar aos maus tratos a contradizerem o autor dos mesmos.

No estado de servidão do homem percebemos que este deixa de ser livre por uma sensação de segurança garantida pelo tirano em troca da submissão ao mesmo. “[...] prefira não sei que segurança de viver miseravelmente a uma duvidosa esperança de viver à sua vontade.” (LA BOÉTIE, 1982, p. 14). Contudo, é somente uma sensação, pois do tirano o povo não deve esperar nada, já que este não se mostra munido da intenção de cumprir boas obras para com alguém.

Os homens vivem de maneira sofrida à espera de um futuro bom, ou seja, algo desconhecido prometido pelo tirano³. Habitam-se à boa lembrança da vida passada à espera de um futuro que seja igual, ou melhor.

Tão logo a tirania não encontra obstáculos no povo, pois este não se lamenta em servir, o faz com satisfação, sem a necessidade de força para tanto. Pierre Clastres (2004) chegou a uma conclusão se perguntando como pode uma grande parcela de homens corresponder a um único?

Descartou-se prontamente a covardia, uma vez que trata-se de milhares dominados por um. Não poderia existir tanta covardia em inúmeros homens e nem tão pouco o tirano poderia, em um estado de batalha, vencer tantos homens.

Ser livre é estar vulnerável às mazelas de qualquer um, ao passo que sofrer gratuitamente servindo se torna tolerável pela confiança costumeira de um destino seguro. Não se encontra limites na servidão, assim, temos a afirmação de que;

Nossa natureza é de tal modo feita que os deveres comuns da amizade levam uma boa parte do curso de nossa vida; é razoável amar a virtude, [...], e muitas vezes diminuir nosso bem-estar para aumentar a honra e a vantagem daquele que se ama e que o merece. Em conseqüência se os habitantes de um país encontraram algum grande personagem que lhes tenha dado provas de grande providência para protegê-los [...] não sei se seria sábio tira-lo de onde fazia o bem para colocá-lo num lugar onde poderá malfazer; [...] (LA BOÉTIE, 1982, p. 12).

³ “Mas para falar com conhecimento de causa, é um extremo infortúnio estar-se sujeito a um senhor, o qual nunca se pode se certificar de que seja bom, pois sempre está em seu poderio ser mau quando quiser; [...]” (LA BOÉTIE, 1982, p. 1).

Então, encontramos nesses homens uma vontade de se propor a esta condição advinda dos costumes e do acomodamento agregados ao cotidiano de cada um deles. Reforçados ainda, pelas intermináveis garantias e atrações do tirano, fazendo esses homens atender-lo. “Os teatros, os jogos, as farsas, [...] tais eram para os povos antigos as iscas da servidão, [...]” (LA BOÉTIE, 1982, p. 27).

É certamente uma característica importante a respeito da humanidade, pois, faz muita diferença no que se refere à sua própria liberdade. Aquilo que é apreendido de maneira rotineira ao longo de sua própria existência e a capacidade de acomodar-se com essa tradição ou conhecimento determina sua condição de vida⁴.

La Boétie (1982) nos mostra que se o povo não se sente ameaçado assume por costume a imposição de servir e ensina o mesmo aos seus sucessores, daí temos “a primeira razão da servidão voluntária” (LA BOÉTIE, 1982, p. 24), o costume. Esse hábito influencia de tal modo que as pessoas passam a achar normal e até mesmo natural servir;

[...] deve-se ter piedade daqueles que ao nascer viram-se com o jugo no pescoço; ou então que sejam desculpados, pois não tendo visto da liberdade sequer a sombra [...] não percebem que ser escravo lhes é um mal (LA BOÉTIE, 1982, p. 23).

Se ao nascer já se encontra envolto a uma determinação voluntária e subserviente; a um estilo de vida escravo, não se tem a oportunidade de conhecer outro modelo de vida. Na maioria dos casos os homens nem ao menos se atentam a reconhecer-se em outro contexto, quiçá livre o que é de sua natureza.

Podemos concordar que o costume gera a desgraça dessas pessoas, o prazer e a permanência do tirano na posse, uma vez que este não precisa se esforçar para alcançar seus servos, eles já estão garantidos pela tradição.

Entretanto, ninguém nasce escravo, ao contrário, os homens nascem livres e pelo costume se limitam à servidão.

Diferentemente destes, agem os que mesmo imersos na conjuntura de servidão conseguem admitir uma clareza visionária ou de espírito⁵. A respeito desses homens o autor nos diz que;

[...]; são estes que, tendo a cabeça por si mesmos bem feita, ainda a poliram com o estudo e o saber. [...] e a servidão não é de seu gosto, por mais que esteja vestida (LA BOÉTIE, p. 24).

⁴ Cabe aqui atentarmos para o fato de que se não produz-se nenhum direito pela força, restam as conveniências ou convenções como sustento de toda a autoridade entre os homens (ROUSSEAU, 2012).

⁵ Designação usada por La Boétie em o *Discurso da Servidão Voluntária*.

Ao recorrerem aos livros, à instrução tendem a perceber e entender seu contexto descobrindo que uma atitude tradicional, como a que vivem, por exemplo, pode ser mudada e anseiam por isso.

Logo, Clastres (1982) nos diz que tal condição não sendo permanente ou nata ocorreu algo para que um tirano tomasse o poder sobre a vida dos demais. Partiremos, então para a história da humanidade, o agir dos homens e o surgimento de organizações sociais mais elaboradas, seguindo assim, a reflexão de La Boétie.

A classe de servos voluntários é histórica, ou seja, é fruto da ação humana configurada já em sociedade, está na criação dos Estados, das Nações e sendo assim, essa servidão, conseqüentemente, teve um início, não acompanhou o homem desde sua origem.

La Boétie (1982) nomeia tal momento de “mau encontro”, um acidente, que, portanto, poderia não ter acontecido. A própria História, o surgimento das sociedades admitiu divisões, que por “azar” ou “mau encontro” fez com que a maioria dos povos perdesse sua liberdade. Segundo isso o autor afirma;

O que é designado aqui é, efetivamente o momento histórico do nascimento da História, essa ruptura fatal que jamais deveria ter-se produzido, o acontecimento irracional que nós modernos nomeamos, de modo semelhante, o nascimento do Estado. Nessa queda da sociedade na submissão voluntária de quase todos a um só, La Boétie decifra o signo repugnante de uma decadência talvez irreversível: o homem novo, produto do incompreensível, mau encontro, não é mais um homem, [...] (LA BOÉTIE apud CLASTRES, 1982, p.111).

Temos, portanto, uma outra possível e misteriosa explicação para a servidão voluntária, respaldada no nascimento das civilizações e do próprio agir histórico, por conseqüência, o surgimento das divisões sociais, em que muitos foram submetidos aos desejos de uma única pessoa.

Fato que fez o homem tornar-se inferior a qualquer animal, pois, abriu mão, sem se contrapor de sua vivência livre;

Se para ter liberdade basta desejá-la, se basta um simples querer, haverá nação no mundo que ainda a estime cara demais, podendo ganhá-la com uma única aspiração, e que lastime sua vontade para recobrar o bem que deveria resgatar com seu sangue[...] (LA BOÉTIE, 1982, p. 14-15).

Ao nos concentrarmos na figura do tirano percebemos que mesmo que este não utilize da força para subjugar seus servos, utiliza de “auxiliares” que vão além de súditos comuns, porque estão mais próximos do seu senhor e levam consigo pelos vastos lugares a maldade, o comando e

as mazelas tirânicas. São os chamados “cúmplices do tirano⁶”, não somente assistentes, mas a afirmação simbólica do poder tirânico.

Mas agora chego a um ponto que em meu entender é a força e o segredo da dominação, o apoio e o fundamento da tirania. No meu juízo, muito se engana quem pensa que as alabardas, os guardas e a disposição das sentinelas protegem o tirano. [...]. Não são os bandos de gente a cavalo, não são as companhias de gente a pé, não são as armas que defendem o tirano [...]. São sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano; quatro ou cinco que lhe conservam o país inteiro em servidão (LA BOETIE, 1982, p. 31).

O alcance do poder do tirânico é feito pelos seus ajudantes. Todavia, estes aos olhos do tirano são poucos, mas debaixo dos mesmos estão milhões de servos que cumprem ordens diretas, nem sempre só para o prazer do tirano, mas daquele que vêem em seu nome.

Esse é o fomento e o “segredo” da tirania; de sua perpetuação. “Esses seis têm seiscentos que crescem debaixo deles e fazem de seus seiscentos o que os seis fazem ao tirano” (LA BOETIE, 1982, p. 32). Podemos constatar que os ajudantes do tirano tiram proveito do poder que ganham deste. Mas, como ninguém quer por bem o tirano e este, também, não ama ninguém, não há logo alguma relação de confiança entre eles;

Não pode haver amizade onde está a crueldade, onde está a deslealdade, onde está a injustiça; e entre os maus, quando se juntam, há uma conspiração, não uma companhia; ele não se entre-amam, mas se entre-temem; não são amigos, mas cúmplices (LA BOÉTIE, 1982, p.35-36).

Deste modo, o opressor submete a maioria com sua perversidade utilizando seus guardas como instrumento para isto e que por sua vez, esses homens, “instrumentos de opressão”, visam um dia adquirir maior poder, tomar o lugar ocupado pelo seu senhor. Assim, cumpre-se a tenacidade do poder tirânico e, por conseguinte, a sua fixação.

Não existindo amizade nessa relação e nem pessoas de bem em meio a isso, também não encontraremos virtude contextualizada aqui, pois, essas pessoas precisam sentir e gostar da prática do mal, que apreciem o absolutismo, que este seja um objetivo de vida.

A servidão voluntária é fato perceptível e transcorre de vários caminhos. Desde os costumes que trazem à tona a acomodação ou o vício sem limites dos povos ao contexto de escravidão, até o próprio surgimento da História que é senão o maior ponto inicial da servidão gratuita, uma vez

⁶ Nomenclatura coerente para explicar o que La Boétie julga ser esses homens ligados ao tirano.

que surgiram as sociedades mais elaboradas e as divisões de interesses e, por conseguinte, o surgimento de classes.

Sobre o agir histórico La Boétie (1982) nos diz que a constituição das sociedades iniciou a dominação. O autor denomina de “mau encontro”, um imprevisto, já que com ele passou a existir a restrição da liberdade de muitos para o contentamento de poucos por meio somente do acaso, algo imprevisto.

Encontramos a origem da opressão nos próprios homens e a eficácia desta cruel situação por meio deles mesmos. Ao comentar La Boétie; Clastres (1982) afirma que;

Diagnosticando a natureza do mal que gangrena todo corpo social dividido, La Boétie, [...] exprime os efeitos de uma pura oposição lógica: seu Discurso remete à afirmação implícita, mas prévia, de que a divisão não é uma estrutura ontológica da sociedade e que, por conseqüência, antes da infortunada aparição social, desenrolava-se necessariamente, em conformidade com a natureza do homem, uma sociedade sem opressão e sem submissão (p. 112).

Entendemos que a natureza proporcionou ao homem desde seu nascimento a liberdade e esta esteve com ele inclusive nas primeiras organizações sociais, porém, com a organização das sociedades complexas ou com a História houve a criação de hierarquias, classes, divisões de povos que se firmaram pela correspondência de poderes, tendendo a uns terem mais poder que outros.

Assim aconteceu o início das civilizações e a determinação do futuro das mesmas pelo poder. Por meio dos costumes esse tipo de relação, dominante e dominado, se ateve na existência humana.

E ao tratar-se dos costumes notamos que é impossível para os povos; ou estados reclamar por aquilo que nunca conheceram. Se uma criança nasce num lar escravizado, ela, costumeiramente, será escrava sem se dar conta de que isto é contra sua natureza e assim, terá vontade para servir de bom grado. “Nunca se lamenta o que nunca se teve [...]” (LA BOÉTIE, 1982, p. 23).

Uma vez que o tirano, além de todo o poder, possui seus ajudantes a situação se complica mais, pois estes reforçam na vida das pessoas o abuso levando a elas os maus tratos, a miséria e a infelicidade em nome do tirano uma vez que não pode haver tirania sem maldade.

Esses homens, auxiliares tirânicos, por oprimirem muito bem, se mostram apaixonados e felizes em convir, mas se aproveitam do poder que alcançam e aspiram mais. “Tirano, tiranetes – [...] esses ambiciosos, esses avaros, [...] querem servir, mobilizam-se [...]” (LEFORT, 1982, p. 168).

Nosso estudo se conclui, então, por meio de um percurso baseado no tempo histórico e nas descrições de alguns momentos sobre a humanidade que marcaram sua existência e determinaram situações de domínio.

Separações em classes, sendo a maioria destas classes acostumadas com as mazelas de um opressor, pois, se tornaram esquecidas de sua liberdade natural.

Tudo isso para ponderar e perceber sobre as razões da servidão voluntária, que não se encontra exclusivamente num aspecto e bem menos reside sob a responsabilidade de uma única pessoa, já que um senhor é colocado no poder pela complacência de vários povos.

É importante ressaltar ainda que por mais que haja indivíduos diferentes, em termos de força, inteligência, fisionomia, etc. continuam sendo iguais porque tem em comum a liberdade (KEOHANE, 1977). Os homens são nascidos para desfrutarem da liberdade que lhes é dada pela natureza.

Notamos que tudo que reprime a liberdade do homem, ainda que seja uma decisão voluntária, rompe com o natural. La Boétie (1982) termina seu texto com certa angústia e apela para seus leitores que se lembrem do bem e que o façam, tomando isso, talvez, como uma possível solução para a condição gratuitamente servil na qual se encontrava a humanidade.

Referências bibliográficas

- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência*. Editora: Casac & Naify, 2004, 2º Edição, Sp, 2004.
- CLASTRES, Pierre. *Liberdade, Mau Encontro, Inominável* in *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- KEOHANE, N. O. *The Radical Humanism of Étienne De La Boétie*. Journal of the History of Ideas, Vol. 38, No. 1, 1977. Published by: University of Pennsylvania: <http://www.jstor.org/stable/2708844>.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LEFORT, Claude. *O nome de um* in *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ROTHBARD, M. N. *The Political Thought of Étienne De La Boétie*. Translated by Harry Kurz, New York: Free Life Editions, 1975.
- ROUSSEAU, J.J. *O Contrato Social*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre, L&PM, 2012.
- TONETI, Edson Donizete. *Discurso da Servidão Voluntária: Relações de Força e Liberdade na Obra de La Boétie*. Rev. Filos. Aurora, Curitiba, v. 21, 2009.